

UNIVERSIDADE BRASIL

CURSO DE PSICOLOGIA

DIEGO MEDEIROS GONÇALVES DA SILVA

FRANCISCA ELIANE GAMA ONOFRE

RENATA RAKAUSKAS

O AMOR PARA PSICÁNALISE

São Paulo

2018

O AMOR PARA PSICÁNALISE

Diego Medeiros Gonçalves da Silva

Francisca Eliane Gama Onofre

Renata Rakauskas

Curso de Graduação em Psicologia

Orientador: Mestre Fabio Pinheiro dos Santos

São Paulo

2018

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo um estudo sobre a origem do amor nos relacionamentos. Buscamos compreender como ele está inserido na sociedade e sob quais formas e aspectos se apresenta. A discussão contempla também o entendimento de como ocorre o interesse pelo outro, o desenrolar dos processos afetivos, as angústias, medos e inseguranças que surgem nesta jornada e alguns outros pormenores das manifestações amorosas em diferentes contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Amor, Psicanálise, Relacionamento.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, apoiado na abordagem psicanalítica busca explicar a origem do Amor e como ele se insere nas relações. A mãe sendo o primeiro objeto de amor, é fundamental para a constituição do amor libidinal do sujeito e sua escolha de objeto. O amor surge na primeira infância e é transferencial nas relações. Muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar. (FREUD, 1907/1996, p. 125).

Também para fomentar a discussão acerca do amor, apresentaremos de pano de fundo cultural e social em que ele está inserido e com tais proximidades refletiremos sobre as formas das relações de hoje, conceituando o amor, libido, afeto, pulsão, sexo. Freud (1915) separa a pulsão sexual (amor) da pulsão genital (ato de procriar).

O amor se dá pela falta, uma falta que o outro também tem e que ele acredita ter algo para me dar. O outro então tem algo que me falta, sendo ele também um ser faltante, vejo no outro o amor narcísico que julgo ser merecedor, por ser uma memória recalcada do que já tive ou posso ter melhor.

A abordagem psicanalítica apoia se em dois conceitos fundamentais: O recalque e a pulsão. Freud (1900) ao descobrir o inconsciente e o consciente, também descobre que existe uma pulsão (força do ID) em relação ao que se foi recalcado. O recalque do inconsciente separa as representações egóicas do que não é conciliável para o consciente e a realidade rejeitada é sexual. Insistindo no sexual, descobre a energia chamada libido. A pulsão libidinal é independente do objeto.

Freud (1917) refere se a libido como uma força ao objeto significado de satisfação, porém, a pulsão entende que não é prendendo o outro que ela se satisfaz, por isso nenhum objeto pode satisfazer a pulsão por completo, pois essa pulsão está ligada ao recalque das satisfações infantis, que pode ser vivenciada em sonhos, por exemplo, já que o objeto em si não tem importância, mas sim a causa de desejo.

A partir do século XII o amor surge vinculado a dor e ao sofrimento humano e a promessa de felicidade. O cristianismo trouxe a separação entre o amor e o desejo. O amor Eros causa prazer e desprazer e o amor passa ser um contrato moral com o “amar o próximo”, amar passa a ser uma obrigação mesmo que precise se sacrificar.

Assim o termo correto é: Ama teu próximo como este te ama. Freud (1929). O outro precisará ser merecedor deste amor e que eu possa me amar nele. Amar requer reconhecer sua falta, é dar o que não se tem.

A importância de discutirmos o tema apresentado é para entendermos como acontece esse interesse pelo Outro e pensando no sujeito em seu processo de análise, quando estes apresentam suas angústias e temores acerca de suas relações afetivas Freud (1915) afirma que a Psicanálise é em sua essência a cura pelo amor. É evidente então que o sujeito tem a necessidade do amor, porém, este amor requer uma reflexão. O amor é amor como pulsão sexual e quebra a regra da obrigação de amar e surge como função psíquica que orienta o sujeito ao encontro do outro e sua compatibilidade.

1.1 A PSICANÁLISE

Sigmund Freud (1856 -1939) nascido na cidade de Freiberg, na Áustria e de origem Judaica, começou sua carreira como médico em Viana graduando-se no ano de 1881 como médico Neurologista. Começou a ter um grande interesse pela psiquê humana após contato com o médico neurologista Chacort e seu trabalho de hipnose com as histéricas (doença do século afetada principalmente as mulheres, pois estava diretamente ligava aos problemas uterinos), e mais tarde em contato Breuer (1842) com sua paciente Ana O que sofria de paralisia, inibição, dificuldade de pensamento e também uma recusa em beber água. Os relatos dos sintomas da paciente surgiram na época em que ela cuidava de seu pai enfermo. Os sintomas de Ana O estavam relacionados ao desejo de morte do pai, esses pensamentos e sentimentos em relação a ele foram reprimidos levando a desenvolver seus sintomas. Breuer trabalhava com o método catártico que possibilitava a elaboração das emoções.

Sendo assim, Freud (1889) descarta a Hipnose e começa a trabalhar com o método de Breuer levando a criar sua abordagem Psicanalítica. Freud descobriu através do método que nomeou como Associação Livre, que os sintomas dos pacientes tratavam se de conteúdos reprimidos de origem sexual, o que depois chamou de Neurose em mulheres e homens, descobrindo que ambos podem ser histéricos.

Dessa forma, abordaremos alguns conceitos importantes para a psicanálise que trazem luz acerca do tema discutido. Associação livre é o método de investigação livre do inconsciente que busca um significado das manifestações externas (sintomas, comportamentos, desejo), por palavras, delírios, fantasias, sonhos e atos falhos. Nessa nova forma de investigação do inconsciente, o conceito de desejo, algo nunca realizado devido a falta do sujeito em busca de sua satisfação em meio as suas escolhas é o que vai levar a desejar o outro e informar que o outro também é desejado. Um desejo sexuado além do biológico e das suas satisfações biológicas vitais. Esse desejo é que está por trás dos sintomas, ou seja, atrás de um comportamento ou pensamento devido ao conflito entre o desejo e o mecanismo de defesa. Ele revela através do corpo que algo está em conflito levando ao adoecimento psíquico e emocional. Ele busca mascarar o desejo e a satisfação do desejo. É assim que nos tornamos Neuróticos, termo utilizado pela primeira vez por William Cullen em 1769, médico escocês para designar pessoas com problemas nervosos. Freud utilizou do conceito para designar pessoas com problemas nervosos simbolizando um conflito psíquico de ordem infantil e sexual. O conflito se dá pelas pulsões recalcadas do Id em relação ao Superego, o que Freud nomeou como mecanismos de defesa e separou a neurose em Neurose Obsessiva e Neurose Histórica. Também guiado pela pulsão, impulsos independentes de sua orientação ou objeto, ou seja, ela é direcionada a função que esse objeto exerce sobre o sujeito e está diretamente ligada a libido e ao narcisismo. As pulsões são forças/energias sexuais, um estado de tensão em busca do objeto de ordem libidinal. Eros, é a pulsão de vida e está ligado as pulsões ao decorrer do desenvolvimento psicosexual e de autoproteção. Tanatos, é a pulsão de morte, sendo ela autodestrutiva e se manifestando de forma agressiva, violenta mediante ao objeto e si mesmo. A pulsão é então a ligação entre o psíquico e o que é somático. Recebe se pela mãe a libido, a energia que origina se na infância e na atividade humana, diferenciando do impulso que são os conteúdos internos de modo irrefreável ao mundo externo, podendo evitá-la.

Conforme o desenvolvimento de seus estudos, Freud definiu Inconsciente e Consciente. As três instancias do aparelho psíquico para Freud (1923) são: Id, Ego e Superego que são definidas a seguir.

No Id encontra-se todos os conteúdos inconscientes, são todos os desejos, vontades e conteúdos reprimidos para consciência, embora consciente em algum momento ou genuinamente inconsciente, é movido pelo princípio de prazer. O inconsciente é atemporal, ou seja, para ele não existe tempo ou espaço, passado e futuro. As ideias no pré-consciente são acessíveis à consciência, pode ser consciente em determinado momento. No Consciente encontra-se todos os conteúdos relacionados ao mundo interno e externo, desenvolvendo funções psíquicas como a percepção, atenção, raciocínio, memória, é no ID que se localizam as pulsões. Já o Ego está para atender as demandas do Id e do Superego e regido pelo princípio da realidade. É a construção do sujeito no mundo, numa sociedade, cultura, numa comunidade, na sua identidade sexual, na construção de si mesmo, diferenciando até mesmo da loucura, da marginalidade. Ego controlando suas pulsões, permite a conquista por seu lugar no mundo e independência frente à sua realidade externa. Por tanto, quando mais forte é o Ego, mas ele tende a se ajustar ao meio quando controlada sua pulsão de morte e sobressaindo a pulsão de vida, quanto mais fraco é o Ego, mas é o sentido de inadaptabilidade ao meio e o desenvolvimento de patologias. Em outras palavras, o Ego está para satisfazer o princípio de prazer buscando a satisfação no princípio de realidade. O Superego origina-se no Complexo de Édipo, está ligado às regras, à moral, à lei, aos limites e autoridade, dentro das exigências externas, ligado diretamente ao sentimento de culpa para o Ego. Ego e Superego também são de partes inconscientes. Esse conflito está protegido pelos mecanismos de defesa. O mecanismo de defesa protege o Ego e a si mesmo e é uma forma de adaptação ao meio, o que difere quanto sua adaptação normal ou patológica/doentia, quando esse mecanismo de defesa afeta a saúde do sujeito, de forma física e emocional em seu processo de adaptação com o meio.

Os mecanismos de defesa sendo inconscientes ocorrem independentes da vontade do indivíduo, a defesa apaga da consciência tudo que é indesejável e sendo repetida diversas vezes. É a partir do recalque que Freud descobriu a neurose das proibições do complexo de Édipo surgindo conseqüentemente a angústia em relação ao libido. Os desejos e conteúdos reprimidos significam algo penoso, ameaça, algo que se perdeu e que foi desejado. Em torno de defender o consciente desses desejos, Freud nomeou como Repressão o ato de encobrir esses conteúdos para consciência e Resistência o ato de não revelar tal pensamento ou desejo.

O mecanismo mais importante na psicanálise é o recalque, que está ligado às emoções e ao desenvolvimento sexual, recalque é o conflito entre ID e Ego que causa a Neurose, das experiências vividas na infância. Ele é uma forma contrária do entendimento ou a recusa mais radical de algo, interferindo de modo mais doloroso no pensamento do sujeito para evitar o desprazer.

Freud (1905/1996) foi além do tempo quando descobriu o desenvolvimento psicosssexual. Ele descobriu que na infância havia conteúdos reprimidos e traumáticos e de conteúdo sexual gerando conflitos neuróticos. Assim descobriu a sexualidade infantil e o processo de desenvolvimento psicosssexual. Concluiu que a sexualidade é existente desde os primeiros anos de vida e com o seu desenvolvimento é manifestada mais forte na puberdade. O corpo infantil é erotizado e pervertido, ou seja, não realiza apenas a satisfação biológica, mas também a satisfação e o desenvolvimento psíquico por fases. Fase oral: A boca é a zona erógena; Fase anal: O anus é a zona erógena; Fase Fálica: É reconhecido o órgão sexual e ele é a zona erógena; Período de latência: É período de pausa das da evolução sexual até chegar à puberdade, que é a Fase genital: Quando a satisfação não é em si mesmo, mas na busca do outro. No decorrer deste desenvolvimento, ocorre o fenômeno chamado Complexo de Édipo, que vai estruturar a personalidade do sujeito e sua escolha de objeto, que acontece entre três e cinco anos de idade.

O complexo de Édipo é a representação do inconsciente pela qual se tem o objeto sexual e de amor e exprime o desejo. Pode ser de primeira representação, quando a criança ama o objeto do outro sexo e hostiliza o do mesmo sexo, quando acontece invertido é o Édipo da segunda representação e o Édipo completo composto pelas os dois. No menino aparece quando ele começa a sentir desejo pela mãe e tem o pai como rival e depois de maneira inversa (ternura ao pai e hostilidade a mãe), sendo assim complementares e sendo o Édipo completo. O menino reconhece a figura do pai e deixa de investir na figura da mãe, buscando outro objeto no mundo externo com o sexo da mãe. Na menina acontece da mesma forma mudando a posição dos objetos. O Édipo é resolvido quando a criança introjeta a ordem e abandona o investimento nos objetos e vai em busca de outro para satisfazê-lo. O menino sai do Édipo pela angústia e castração e a menina é inserida na castração por inveja do pênis, o desejo de ter um filho do pai, desligando do se da mãe e buscado outro objeto do sexo do pai. Ambos passa pelo amor da mãe no primeiro

Édipo. A lei (superego) é inserida pelo pai a partir da sua castração, quando entra na relação da mãe com o filho, por isso ele é hostilizado. A mãe é quem insere a libido na criança desde a primeira fase do desenvolvimento. Com isso Freud fala da origem bissexual e do traço homossexual.

1.2 A CONSTRUÇÃO DO AMOR

A autora Mary Del Priore descreve sobre construção do amor em seu livro “A construção do amor no Brasil” publicado em 2006.

O Brasil foi colonizado pelos portugueses que trouxeram suas concepções sobre o amor e o casamento. A igreja por se apropriar da ideia patriarcal, insere suas concepções de como viver o amor e a sexualidade, sendo a monogamia; a mulher submissa com função de apenas procriar e para satisfação do homem; sua vaidade ignorada. Em meio as missas e cultos religiosos os encontros amorosos começavam aparecer, onde eram feitos encontros por confessorários e durante os cultos, levando até mesmo a desistência do celibato. Sinais dos amantes durante as festas dos padroeiro era muito recorrente, também em relações homossexuais. Durante o processo de colonização, ocorreu racismo, misoginia e heteromartividade, já que o ideal de mulher eram as brancas e as escravas para relação sexual fora do dito casamento, o que era direito exclusivo do homem, outras formas como a masturbação e os amassos entre os casais eram totalmente pecaminosos.

No século XIII existia o amor cortês onde a mulher era colocada em um pedestal e deveria ser conquistada pelo homem que seria seu servo fiel. Seu corpo era desejado, mas não existia a relação sexual. O Amor era algo impossível de acontecer e teria que ser feito de tudo para conquista-lo. Eram escritas poesias e músicas para as mulheres. Com isso surgiu a ideia do amor romântico com a crença de completude, a crença de que o amor era união de duas partes, a chamada “metade da laranja” ou “alma gêmea”, a fidelidade como obediência e castigo. A paixão trazia sofrimento e a igreja relacionava o amor ao amor Divino, para satisfazer as paixões e vontades sexuais.

A partir do século XIX o amor vem como a salvação. A espera do outro que completa. As formas de relações são impostas, ou seja, a mulher é prometida para o homem e deve-lhe total submissão. O amor surge como base do casamento e da reprodução, onde a igreja tudo faz para separar paixão, amor, amizade e as práticas aceitáveis. Os homens passaram a não esconder seus sentimentos principalmente através da música, em presentes como flores colhidas do bosque, passaram a cuidar da aparência estética para atrair a dama e o culto a mulher frágil. Ao mesmo tempo, diante do patriarcado, a sociedade era separada pelo homem pobre e rico e a mulher para casar e a que não servia para o casamento, a mulher desejada era a famosa “Amélia.”, passa-se o público a invadir o privado, ou seja, o homem em esfera pública e a mulher na área privada, na cozinha e no cuidar. A infidelidade permitida ao homem e imposição do lugar da mulher no meio social, levou a incapacidade de pensar da infidelidade da mulher.

Em 1879 no Brasil o Dr. Vicente Maia, importante psiquiatra, começou a estudar as mulheres em seus sintomas histéricos (problemas relacionados ao útero). Eram curados por banhos gelados e até ablação do clitóris, para as histéricas e para as ninfomaníacas. A homossexualidade considerada pecado e doença, por isso em 1894 o termo “Fresco” era direcionado ao comportamento homossexual e para o feminino, assim como termos pejorativos como “pederasta” e “sodomita”. Entre o século XX e no início do século XXI começa a ser discutido amor x casamento. No século XX acontece também a mudança do comportamento e transformação social econômica, onde a mulher começa a expressar suas vontades, dizendo não e o casamento arranjado e o amor não é mais uma ideia do amor romântico, mas a essência que une as relações. Os carros começam a ser os novos motéis, cenas de beijos na boca começam a ser cada vez mais comum. As roupas das mulheres no esporte começam a enlouquecerem os homens, levando os a atos como furar as cabines do banheiro para observá-las. O corpo Nu da mulher agora é o mais desejado, não mais a donzela de luva e chapéu. Em 1940 e 1960 cresce o número de divórcios em todas as classes.

Até os anos 60 os homossexuais viviam as escondidas e recebiam tratamento de “conversão sexual”, sujeitando a cirurgia de testículo para resolver seu problema de desejo. Levados para hospícios com tratamento psiquiátrico, considerados esquizofrênicos. Nos anos 40 crescia o número de baladas, bares e vida noturna

como opções de aparecimento deste grupo. O direito ao casamento homoafetivo começa a ser discutido por volta de 1947, como uma vantagem para sinalizar de vez a naturalidade da homossexualidade, a união dos casais e evita a prostituição masculina. Também ocorria a ideia do homem de verdade, o chamado “bofes” (homens casados ou solteiros que mantinham relacionamentos com outros homens, mas não eram assumidos ou se consideravam homossexuais, levando a satisfação e abandono do outro). Para os “bofes” e para os heterossexuais era repugnante a ideia de uma união por dois homens e o ato sexual, era considerado homossexual apenas quem fazia a parte passiva, esse era a chamada “bicha”. Em 1960 o termo bicha deu lugar ao termo “enrustido” (homem que não assumia seu gênero e transitava pelos dois lados). Surge o termo Gay-Homem alegre no fim de 1970 para os “enrustidos” começaram atuar politicamente e falar de seus amores.

Em 1960 e 1970 aconteceu a revolução sexual, surge a pílula anticoncepcional, o Rock e a vida Hippie. A igreja continua odiando e considerando todas essas manifestações como pecado. O beijo de língua começa a ser cada vez mais comum e o direito do prazer é para ambos (homens e mulheres). Nega se a entrega do amor. Ressurge com muita força o movimento feminista, agora não com a emancipação da mulher, mas como o feminismo radical – ausência total do homem-causando divisão no próprio movimento com as mulheres que acabavam decidindo por uma vida a dois e não gostando da pressão feminina.

Com o homem moderno assume o papel do “homem com orgulho” em comparação do homem que decide prestar mais atenção em sua estética.

Agora homens e mulheres ouvem o coração, os esposos e círculos onde escolhem os companheiros foram estendidos. O diálogo passa a moldar os relacionamentos, extingue-se se as relações verticais entre homens e mulheres e o entendimento sobre a família. Rotina e número de filhos; sexualidade e renda familiar também é influenciadas na mudança de século. Em toda a história esteve em jogo o amor, o casamento e a sexualidade, todos sobre o controle da família, da igreja e da comunidade. O casamento com a obrigatoriedade do amor é conflitado com a realização pessoal acima de tudo. A psicanálise contribuiu para a desculpabilização da sexualidade e do casamento como obrigatoriedade e reprodução.

No amor livre, o amor e o prazer tornou-se obrigatório, com isso nasceu também a ditadura do orgasmo. Se por um lado o amor romântico tinha a ideia de completude, por outro lado, é no amor romântico que começa a ser pensar no amor com liberdade. A liberdade tem de contrapartida a responsabilidade e a solidão, pensando que no passado não foi apenas trevas, a tradição funcionava para uma vida em comunidade, familiar e nas emoções.

A loucura agora é desejar o amor permanente, na sociedade do consumo o amor é supervalorizado, mesmo ele não sendo ideal, trazendo dependência e rejeição; ser servidão e sacrifício. Em outras palavras, existe uma linha tênue entre o amor e a realidade, sabe-se que cada vez mais sobre a banalização do sexo e do descontentamento dos sentimentos, enquanto o amor mantém-se sendo um sentimento sutil e importante, que faz sonhar os homens e as mulheres.

1.3 O CONCEITO DE AMOR PARA A PSICANÁLISE

A autora Nadia Paulo Ferreira em seu livro “A teoria do amor na Psicanálise” (2004), faz uma relação que nos ajuda a compreender a questão do desejo, pulsão e castração criada por Freud, principalmente o conceito de Castração, tão fundamental para compreensão da interdição paterna na relação da díade (mãe e bebê). É a partir da castração que surge o desejo de amar o outro, antecipado pelo amor-próprio inserido de forma libidinal pela mãe.

Adão e Eva mortos psiquicamente por estarem no estado de plenitude (já que somos neuróticos faltantes e não existe a completude, mas sim a falta), eles se perceberam após o pecado cometido, sentindo vergonha do desejo, o desejo vem acompanhado da culpa, logo perceberam seres faltantes, porém, culpados.

Primeiro se ama de forma narcisista para depois buscar no outro o que lhe está faltando. Essa falta sempre se origina pela mãe (no homem e na mulher). A mãe primeiro de forma sedutora, por ser a primeira forma relacional da criança e da dependência infantil, erotizando seu o corpo. O amor surge na primeira infância ao desenvolver do complexo de Édipo, onde pulsão está sendo moldada, mais especificamente quando O Outro nasce para o sujeito ao mesmo tempo em que

surge o Eu com a inserção da castração, continuando com o seu desenvolvimento, passando pelas fases psicosexuais em sua parcialidade e o objeto da libido privilegiado. Nasce primeiro na relação consigo mesmo, na sua satisfação imediata e depois no reconhecimento do outro e na construção objetal/social.

E no desenvolvimento da sexualidade do sujeito que se manifesta a descoberta em forma de amor. As satisfações já respondida são recalçadas e origina se a falta, fazendo com que o sujeito saia a procura desse Outro, que é sempre a castração da mãe, já que ela é o primeiro objeto de satisfação separando da completude do outro. O amor é a pulsão de forma de transferência. A princípio, com a castração, a criança separa o primeiro objeto que ainda é direcionado a pulsão libidinal, tendo agora que procurar fora da família alguém para satisfazer sexualmente e afetivamente, se relacionando com o outro da forma que foi vivenciado nas primeiras relações objetais.

Com isso já podemos compreender, que homens e mulheres podem procurar até mesmo parceiros para depreciar inconscientemente (homens que buscam mulheres para serem seu objeto sexual (prostitutas, por exemplo), depreciando sua parceira com vocabulário sujo, mulheres que podem procurar homens que em sua visão são inferiores que ela e a separação de quem serve para casar e quem serve para ser apenas objeto sexual. Também surge daí a dificuldade de realizar demanda afetiva quando o sexo casual começa a ser mais sério.

O amor então é construtivo e depende das condições psíquicas de cada sujeito. O amor é diferente da ideia de desejo sexual, o que não significa que a mesma pessoa não pode exercer as duas funções, entretanto, é normal que uma ou as funções fiquem desgastadas, pois, não existe a completude. O amor vai existir sempre como Desejo, por isso diversos casos de amor e traição acontecem, todos muito relacionados também com a sexualidade, que não restringe a genitália, já que ela em si é *Perversa*, foge do sentido de apenas procriação.

No amor é sempre o Eu que se ama no Outro, amo não o objeto, mas o que nele me causa, no Eu e no Outro imaginário, O Eu ideal quer recuperar a sua imagem amada de si mesmo, ou seja, o ideal de Eu, o outro me vê de uma forma que agrada ser visto. Nesse ponto surge a tensão que diferencia o desejo do prazer (pulsão). No

amor também há dependência, por isso, nesse caso o Eu é empobrecido, pois, mesmo o outro sendo objeto de amor ele nunca será o objeto porque também é faltante.

O amor inaugura se primeiramente no ódio, na fase narcísica. O sujeito auto erotizado passa a direcionar sua pulsão ao outro como forma de satisfação, quando ele experimenta a hostilidade do mundo externo, sabendo que antes não havia a relação com outro, o sujeito repudia o mundo externo e assim repudia o seu mundo interno. A relação de ódio se origina na luta do ego para preservar se manter se nas relações amorosas, percebendo os sentimentos ambivalentes do objeto, isso é, transformando o amor em ódio que é uma forma de regredir na fase anterior, assim o prazer e o desprazer passa pela fase narcísica, o Eu corre risco de se perder quando perde o seu objeto, volta a autopreservação, desejo de voltar ao incesto, na sedução da mãe e na passividade infantil.

A agressão não se iguala ao ódio e o ódio é contrário do amor. O ódio é a negação do saber, não se renuncia o amor. Na Horda primitiva, ao matar o pai, nasce a ambivalência do amor e o ódio, e o amor está relacionado a morte do pai. Essa ambivalência é fundamental para a civilização e para o desejo do sujeito, ou seja, a privação é necessária. A partir da privação que nasce o desejo, na rivalidade com o pai no complexo edipiano. Isso significa o interesse comum no outro, presente nas amizades por exemplo, uma relação no interesse pelo outro, sem outros interesses. No mal-estar da civilização, Freud explica que o homem se esforça para suprir o interesse em comum.

A libido está ligado a tudo o que pode ser abrangido na palavra amor, através dos laços emocionais formam a essência da mente grupal e com a privação colocando a mercê do objeto libidinal torna se um fator civilizador. Formar um grupo está relacionado a satisfação arcaica.

A teoria do porco espinho, que se não abraçarem morrem de frio, mas ao se aproximarem sofrem a ação dos espinhos, assim terão que encontrar justa distância. Essa teoria explica os laços sociais, o amor é civilizatório, pois, o amor surge no pretexto de odiar colocando se a disposição do sujeito. A outra forma de acontecer é através da compaixão, quando se coloca no lugar do outro e que pode estar

relacionado a vontade de ter o que o outro tem, dessa forma, o encontro com o outro é uma busca também de si, me conheço através do outro e busco nele o que falta em mim, esse outro também é faltante e ambos não se tem ideia do que buscam um no outro. É preciso amar no real e assumir a falta.

Para aprofundar a importância sobre a castração e a força da libido inserida na criança pela função materna, recorreremos a autora Maria Madalena Freitas Lopes, em seu livro “Conceitos de amor em Psicanálise” (2009).

O amor se liga de duas formas, coerente com o seu próprio ego (narcísica) e a que seria coerente com quem investiu nesse ego, quem cuidou e deu atenção a ele (anaclítica), sendo a mulher com escolhas narcisistas e o homem escolhas analíticas, explicando que a escolha por pessoas narcisistas, seria saudade do próprio narcisismo, escolher alguém que investiu em nós, com o problema dos pais esperarem que esse ser investido seja perfeito, vivenciando a completeza renunciada com a realidade, que acontece com o relacionamento com a criança objeto, por isso necessário a renúncia, para buscar o outro na realidade para poder investir sua libido e mesmo com a escolha objetual ele se referencia ao Ego. A primeira forma de identificação é como laço emocional ligando o sujeito, onde responde a dificuldade do sujeito se relacionar ao ter que renunciar o seu objeto libidinal; a segunda forma é a partir da identificação. O que parece é que amar é uma função feminina, por isso parece sempre ruim para o masculino, inseguro disso ele se deixa levar pela insegurança da virilidade.

A identificação primária: está relacionado a fase oral, a identificação referencia se a satisfação dessa fase que representa a incorporação, o devorar, a ingestão, em outras palavras, o devorar o outro. Por se tratar de uma identificação ambivalente, acontece a pressão do pai sobre o modelo ideal posicionara o outro para o seu objeto. Ele absorve o objeto e integra em si para depois se identificar com quem ele gosta. A primeira identificação é feito com o investimento da libido da mãe e depois o processo de identificação acontece em relação ao outro como modelo de relação, apresentando um ameaça em deixar de ser quem é, surgindo a agressão.

Para Freud em “Luto e Melancolia” (1917), o investimento em objetos interiores ao ego é mais fácil de manter do que os investimentos em objetos exteriores ao ego.

Por mais que a escolha anaclítica de objeto possua uma raiz narcísica, ela ainda é mais dispendiosa de ser feita do que uma escolha narcísica em si.

Identificação como traço: a identificação aparece como na escolha do objeto, o Ego assume característica do objeto escolhido, compreendido no Caso Dora – na histórica, que não permite que nenhuma forma de consideração em relação ao objeto.

Identificação pela instancia paterna: renovação das antigas passagens, as atitudes passivo masoquista, dependências, a entrega da própria vontade que coloca a relação estreita com o outro idealizado na mãe tranquilizadora e no pai ameaçador, experimentando a hostilidade do mundo externo e do pai primitivo na horda, que será encontrado na formação das neuroses e dos grupos, ou seja, o assassinato do pai possibilita uma imortalidade, o pai da Horda Primitiva que impediu seus filhos a se satisfazerem sexualmente, o que levou a sua morte e a sua lei, que afirma não há mais satisfação. No grupo isso é vivenciado, quando todos em comum se identificam e há um ser superior a todos, como a igreja e o exército, permanecendo na ilusão de serem iguais e amado por um ser maior, o líder, levando a inibição total de si. No amor impede o narcisismo primário onde o pai primário foi encontrado, imaginado ele como um ser dominador, autoconfiante, narcísica independente. Amar coloca a pessoa em posição de humildade em reconhecer a sua falta e que pode chegar ao empobrecimento egóico, roubando-lhe o autoamor, levando a entendê-lo como auto sacrifício e idealização, relacionado à idealização do eu, que garante a identificação sexual e a dissolução do complexo, por isso o recalque está associado ao amor, sendo o recalque civilizatório, surgindo o Supereu. Assim o complexo de Édipo deve passar pela diferença anatômica para chegar a mover a sua que está relacionado a sua identificação e objeto de desejo.

Freud (1931/1973): Meninos e meninas caminham na mesma direção no seu desenvolvimento e na fase do complexo de Édipo, embora a disposição masculina seja predominante, há um momento que elas podem também se tornarem mulheres, sendo a feminilidade uma possibilidade para as mulheres.

Freud (1924/1973) A inveja nunca superada do pênis pode ocupar o lugar da produção cultural e viver sempre nas condições pré edípicas, uma forma narcisista

de amar. Sempre presente em diferentes medidas, atividade e passividade definem a bissexualidade em todo o sujeito.

A ilusão de que homens e mulheres tornam-se complementares está relacionado ao destino da castração, entretanto, é frágil tudo que está relacionado a essa complementação – casamento, maternidade, paternidade etc., e pode levar a vida toda na busca de outro que completa. A morte também é a crença que de cerne o amor dessa união, a alienação absoluta no outro, ou seja, a pulsão se trata no gozo do outro, cabendo apenas ao sujeito ser objeto. Apenas enamorando é que o desaparecimento egóico acontece, pois, o sentimento amoroso entre o eu e tu é um só. A consciência do eu e a ordem paterna constitui a estrutura simbólica, que acontece na fase do espelho, fase de identificação do eu da identificação com o pai. A criança entende que não pode ser completada com a mãe, mas por ainda não ter acesso ao que é ela, essa identificação é a identificação é a falta do outro, do outro que completa a mãe.

A identificação na fase do espelho, essa identificação primária com a mãe, está marcada pelo ódio, porque a mãe demandava uma completude que já não é possível. Com a interdição e identificação paterna, cria as relações que não seja de ódio, aparecendo o amor. O ideal de Eu, vendo-se amado, ama, a mãe representa a falta necessária, aparece no olhar materno como completude, normalizando as relações humanas, existe um outro para se relacionar, pensionando o desejo sexual, desconhecido pelo amor, o desejo de alguém por alguém, que singulariza aquele é desejante.

Com impotência paterna, surge a vontade de poder, o vazio sentido é a identificação com o falo, o apelo pela falta de identidade. Esse amor instaura o outro do poder, que salva da angústia da demanda da mãe e ao mesmo tempo o escraviza. O relacionamento com o pai cria a perversão, pois, recorda como se livrar do seu domínio, assim como era com a mãe. A identificação do espelho vai pedir um afastamento desse nó do complexo de Édipo, a primeira figura paterna, o rival, e a segunda do pai simbólico, desfazer a figura desse figura aterrorizante.

A identificação anatômica no complexo de Édipo, é a saída para o efeito da castração, o recalque originário está na dependência dessa identificação fálica,

importante para as relações humanas. A castração traz o posicionamento da identificação sexual, embora todos castrados, um tem e o outro não tem e possibilita a diferença entre o gozo, valores, imaginário e simbólico. A ameaça da castração mostra a impossibilidade do incesto e o pai real instaura a mulher como objeto de desejo. O pai real, potente, incastrável, posiciona a mulher como posse. O pai simbólico, o falo, sendo necessário mante-lo. A castração feminina não tem ameaça, ela não precisa ser castrada para ser desejada, ela é inserida na castração, o amor se instaura na ordem paterna, que repõe a falta, da mãe que não permite essa completude, pois, o filho não é tudo para ela.

Na fase anal a criança precisa sentir que o pai cuida dele. É nessa fase que experimenta o limite e a frustração, sabendo quem é ele e quem é o outro. Já na fase fálica com a descoberta dos órgãos sexuais surge a identidade da sexualidade, começa ser mulher e homem como os seus pais e logo a latência, o medo da perda.

Prazer e gozo para psicanálise são conceitos diferentes. Id, ego e superego são dirigidos pelo princípio de prazer e princípio de realidade, o princípio de prazer é o aparelho exercer uma excitação, onde o princípio de realidade irá encontrar uma forma de satisfazer para sua realização.

As autoras nos fazem compreender que para a psicanálise o amor está ligado a castração, na inserção do mundo real dentro das fantasias e do imaginário. O amor é uma ideia imaginária idealizadora de investimento, desenhada para caber na falta da pessoa. Por isso, em algum momento vem a dor e a decepção. Nega-se a castração, pois se tem a ilusão de que a pessoa amada tem o que lhe falta. Para a psicanálise o amor está ligado a castração, na inserção do mundo real dentro das fantasias e do imaginário

Amar é dar o que não se tem há quem não quer (Lacan 1957). Amar é a promessa da completude que a própria pessoa não tem, pois ele é faltante. O amor é algo sempre existente como desejo, pois sempre será buscado. É sempre uma aposta insegura que desperta sentimento e sofrimento. Amar é sinal de ser amado pelo outro.

2 DISCUSSÃO

A partir dos conceitos discutidos sobre o amor apoiado na abordagem psicanalítica, tentamos não responder, mas trazer uma reflexão sobre o tema que os filósofos já se perguntavam do que seria, o Amor. Platão no Banquete de Aristófanes disse que o amor é a procura por ela mesma, com no mito da Androginia, onde por castigo de Zeus o homem foi dividido por sua autossuficiência, assim se viu incompleto tendo que ir buscar a sua outra metade.

O discurso do amor passou pelo século XII associado a dor e ao sofrimento, com a ideia de plenitude onde o outro seria capaz de completar e de serem felizes para sempre, ou seja, o amor é capaz de suprir todas as faltas, é a ideia do amor cortês que deu origem ao amor romântico. O amor cortês já tinha sido identificado por Freud no sentimento de uma jovem de 18 anos por uma mulher dez anos mais velha, em A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. As interpretações do amor ao próximo, do amor divino (amor ao Pai) e da paixão de Cristo estão nos textos de Freud sobre a religião. Ama-se por simplesmente amar, sem motivo e sem justificativa e está sempre querendo mais. Ama-se pela vontade de alcançar o inalcançável. O amor também causa sofrimento e que gera gozo, um gozo que vai além do princípio de prazer. O amor se escreve de forma de amor cortês, pois, o outro é sempre um sujeito inalcançável. O sujeito existe em função de Eros, em função do desejo. O amor é uma fantasia que suporta a existência humana.

Jacques- Alain Miller nos ensina que “Amar verdadeiramente alguém é acreditar que, ao amá-lo, se alcançará a uma verdade sobre si. Ama-se aquele ou aquela que conserva a resposta, ou uma resposta, à nossa questão “Quem sou eu?”.”

Por que Freud (1916) disse que é preciso amar para não adoeceremos? Por que a Psicanálise é a cura pelo amor?

Recorremos a discussões de psicanalistas para fomentar a discussão sobre o que seria o amor não apenas na relação conjugal e social, mas também compreender esse amor na relação analista e analisando, já que também se trata de uma relação e a partir da análise do sujeito, que ele irá ter contato com suas dores e fazer transformações em sua vida ao que se refere ao amor, amor este que está presente

desde a relação da mãe e bebê como estudado neste artigo. Sendo assim todo conteúdo e toda vida do sujeito está contornada pelo amor.

Na análise poderia surgir espécie de amor cortês, ou seja, o analisando não alcançado é amado pelo analisando que transfere para o analista suas demandas, pois ele fica na posição de amado, que movimenta a análise nos sentimentos vivos na infância, onde ele irá sentir novamente as relações através do vínculo criado entre analista e analisando, sem nenhuma proximidade física, revivida com ele os afetos. No começo da análise, o sujeito analisado ama o seu analista por ele estar no lugar do suposto saber. O amor surge como transferência, o analisando ama o analista porque coloca ele mesmo num lugar ignorante sobre sua vida. A transferência é a repetição de vínculos ao longo da vida, desde bebê.

Freud (1912) pode se constatar com facilidade que o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz tão logo que sua satisfação se torna fácil. Para intensificar a libido requer-se um obstáculo e onde as existências naturais, a satisfação não se mostraram suficientes. O homem sempre ergueu outras convencionais a fim de poder gozar do amor.

Amor e paixão, prazer e gozo são separados. Assim o amor, ao contrário da paixão, aceita os erros, os defeitos e as fraquezas do amado a nível da fantasia daquele que está amando.

Mesmo sabendo que pode sofrer com o amor, é um desejo do ser humano. Repete-se essa vontade de ter o amor por perto, desperta desprazer consciente e prazer inconsciente, ama-se por desejo ou por gozo. Nunca estando satisfeito, sempre se pede mais. É um vazio que nunca se completa, mas quando ambos se relacionam, se constrói em torno de um desejo de estar com a pessoa e tudo que foi construído com ela. O que está em jogo na análise é o desejo do analisando perante a própria vida, suas satisfações, repetições e a forma de direcionar suas pulsões, já que as repetições vão além do prazer.

O amor é o véu que cobre a falta, assim como outras fantasias. Só pode existir porque algo lhe falta e que tem um poder transformador e que se não realizado, gera angústia e frustração.

O mal-estar na civilização Freud (1930) diz que o “Eu” tem tendência a afastar tudo o que causa desprazer ao indivíduo afim de evitar o sofrimento. Todavia, é mais fácil o homem experimentar o sofrimento do que a felicidade, porque a vida é repleta de paradoxos e situações angustiantes das quais não se tem controle. Diante dessa realidade, tendemos a criar uma providência divina, que é o protótipo da figura do pai. Um pai compreensivo que irá nos proteger do mundo hostil. Essa medida, no entanto, é paliativa e tem influência no psiquismo humano, assim como as fantasias e as drogas. Reiterando, as necessidades religiosas têm origem a partir do desamparo infância.

É nesta ordem que Freud (1930) reflete sobre o conceito religioso em amar o próximo, que gera um sentimento de obrigação, por isso diz que o certo seria amar o próximo como este te ama, tratando de uma ralação de investimento e troca. Isso surge no período de castração, quando a criança internaliza o limite que lhe é apresentado como o não do pai, o desejo do outro. A partir disso também podemos pensar sobre o ensinamento de amar os inimigos, pois, o ser humano possui em si uma agressividade. O ideal então é amar a si mesmo e não fazer mal ao outro. Freud (1978, p.166).

O amor investido no objeto escolhido, para psicanálise nunca terá a completude, mas sempre existirá quanto desejo que move o sujeito e é essencial para o ser humano, pois, quem não ama adocece, mesmo sempre correndo o risco, já que é preciso aceitar a falta, em outras palavras, estar vulnerável e não idealizar um modelo de amante sem falta, com ideia de completude. Não se trata de um contrato, onde um faz o que lhe é combinado, mas antes de tudo é uma doação gratuita, dar e receber de graça.

Pensando da importância que é o amor na vida do sujeito, problematizamos a fim de refletir sobre as novas formas de relacionamento e o empobrecimento libidinal acerca do interesse pelo outro.

Se a monogamia não é a solução dos relacionamentos, por não existir esse outro que complete, o poliamor pode ser tornar um sintoma pela dificuldade de vínculo e a inserção de sempre um novo objeto para lidar com a falta, já que vimos a importância do vínculo para as relações?

Se hoje as relações estão baseadas no prazer, sem construção, sem projeto e vínculo construído, sobra se um relacionamento de 2 ou 3 anos no máximo para depois buscar novamente um novo objeto.

O amor atual mesmo romântico (exclusividade total onde ambos se completam) ou cortês (o amor inalcançável), está com uma forma fugaz. Começa e termina em pouco tempo. Freud (1930) em mal-estar da civilização define o homem como um sujeito altamente destrutivo, onde sem o processo civilizatório ele usará o outro como objeto escravo. O neurótico com as pulsões reprimidas consegue controlar os desejos em prol do convívio ditado pela cultura, que lhe oferece segurança pelo laço social. O amor, assim como religião, a revolução social, fazem parte das grandes ilusões humanas: fraternidade, eternidade, felicidade, liberdade e em nome delas comete se grandes atrocidades.

Com a entrada da tecnologia se ofereceu a lei do menor esforço, com a facilidade de encontrar parceiros e do discurso em satisfazer se.

O amor é sustentado pela fala, é necessário que aconteça na ordem da linguagem, nos contratos feitos e nas formas diferentes de satisfações dentro do real, nos poemas, nas músicas, na arte, na conquista. De alguma forma, na facilidade de conseguir, de adquirir e de trocar da liberdade desejada, o comprometimento com o outro sem concessões fica mais difícil, pois significa perda e controle, satisfazendo apenas os prazeres demandados. O excesso do real impede de acreditar no vínculo com o outro, aconteceu a desistência do simbólico, para acontecer o relacionamento. Com a sociedade do consumo, é valorizado o ter para se relacionar, construindo uma imagem comercial, mostrando algo que pode ser conquistado, querendo apenas ser amado, um amor narcísico onde se tem a valorização do objeto com base na idealização e na identificação, obtendo reconhecimento e aceitação externa.

Amar é dar o que não se tem há quem não quer Lacan (1957). Amar é a promessa da completude que a própria pessoa não tem, pois ela é faltante. O amor é algo sempre existente como desejo e sempre será buscado. É sempre uma aposta insegura que desperta sentimento e sofrimento, é confessar a falta e desejar o outro, uma forma de pedir para ser amado pelo que se é, sem pedir nada.

É inevitável dizer que o ser humano precisa do amor e dos afetos para (con)viver, indispensável também não aceitar a importância do convívio com o outro. A primeira forma de amor na infância é marcante e a partir das internalizações por parte desses vínculos, o sujeito irá satisfazer-se em sua busca pelo amor, repetindo comportamentos, afinal o sujeito também se ama a partir do modelo que se foi amado e se relacionando apoiado no que aprendeu sobre o amor. O afeto é importante, porém, relacionamentos são construídos diariamente, pois, já não é necessário utilizar dos mecanismos de defesa para ele não acontecer.

Amar é sinal de ser amado pelo outro, não é um sinônimo de passividade, não é real e nem ideal, é uma prática, um fazer necessário. Amor é um fazer necessário acontecer para a vida que quer realizar. Amor é quando não precisamos mais usar dos mecanismos de defesa para ele acontecer.

3 CONCLUSÃO

Responder o que é o amor é o que os grandes pensadores e filósofos tentam fazer desde os primórdios. É em nome dele que nasce grandes movimentos artísticos, canções, poemas e escritos. Em nome do amor o ser humano é divinizado, mas também é em nome do amor que o homem pode cometer grandes atrocidades, um sentimento capaz de revelar o que tem de mais belo, mas também causar dor e sofrimento. O amor sempre esteve presente na história da humanidade, seja na mitologia grega, no conceito religioso, na ótica social e também no desenvolvimento psicológico. Embora não seja o objetivo do presente artigo responder o que seria esse sentimento, conseguimos refletir a cerca dele e qual a sua relevância para o ser humano.

Conclui-se que o amor é uma condição psíquica interlaçada pelo social e a subjetividade do sujeito que o sente. O amor se dá pela falta, ou seja, sempre irá existir quanto desejo e desejo que se dá pela falta, uma falta que o sujeito precisa reconhecer e vivenciar o desejo, desejo que está no centro do trabalho da psicanálise. A completude do homem nunca existirá, o que estará em jogo sempre será o desejo de ser o desejo do outro, isso quer dizer que, sempre será desejo ser amado, ser sentido, ter relação, ter sexo, ter amor, ter vida. Interlaçado com o laço social e a subjetividade, será coberto pela falta a forma que o sujeito irá

experimentar e buscar esse amor no mundo real. O amor é então uma tentativa de fazer desaparecer a falta original do desejo. É no mundo que o sujeito pode vivenciar esse sentimento e de maneiras tão dispares, pois não cabe aqui um moralismo ou um enquadramento do que seria ou não o amor, o que podemos dizer é que esse amor pode ser saudável ou doentio ao que se refere a forma de se tratar e tratar o outro. Mesmo que o sujeito não reconheça sua vontade de estar com outro ou até mesmo não tenha essa vontade, é em torno do amor que sua vida é pensada e experimentada. Todas as questões do sujeito estão diretamente ligadas ao amor sentido, experimentado e vivenciado ele pode voltar a viver no mundo real de modo mais satisfatório, mais amoroso, com a ajuda do analista, descobrir que não precisa utilizar severamente dos mecanismos de defesa para vivenciar o amor e a própria vida em todos os seus nuances. A Psicanálise é a abordagem que pensa sobre o amor, sobre a morte, sobre a vida e tudo que envolve a vida do ser humano, seus sabores e dessabores, pensa e trabalha o homem como um todo diante de suas mazelas. O amor dentro da ótica social interlaçada com o psiquismo, deve ser também um ambiente que forneça as condições necessárias para que esse amor aconteça. Amor não é mais que uma construção social, o ser humano não tem essa onipotência toda. O que está em jogo é forma de amar atualmente, que é uma construção social.

Ousamos dizer que dizer “Eu Te Amo” em Psicanálise é dizer “Eu Sinto a Sua Falta.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDITO, Professor Carlos **A Psicanálise**. Disponível em: <http://files.professor-benedito-carlos.webnode.com/200000072-e6ac1e7a6d/PSICANALISE%20que%20e.pdf>

FERREIRA, NADIA Paulo. **A Teoria do Amor na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. Conferência XXVI: **A teoria da libido e o narcisismo**, 1917. In: _____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (continuação). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 413-431. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. **O esclarecimento sexual das crianças**. (1907 - v. 9). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/edu01011/freud-esclarecimento-sexual.pdf>

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XIV. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros Trabalhos** (1914-1916). Imago editora, 2016.

ILPC, Psicanálise. **As transições do amor na atualidade**. A opinião de Oliven Linger, Youtube. Acesso em: 25 jun. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PuYR8PHDwB8>

LOPES, Maria Madalena Freitas. **Conceito de Amor em Psicanálise**. São Paulo: Centauro Editora, 2009.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006

RASPANTI, Márcia Pinna. **A busca pelo amor impossível**. Disponível em: <http://historiahoje.com/a-busca-pelo-amor-impossivel/>

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Disponível em:

https://monoskop.org/images/c/c9/Roudinesco_Elisabeth_Plon_Michel_Dicionario_de_psicanalise_1998.pdf

Sociedade Brasileira de Psicanálise Integrada. **Sigmund Freud**: conheça o pai da psicanálise. Disponível em: <https://blog.sbpi.org.br/sigmund-freud-conheca-o-pai-da-psicanalise/>

DUNKER, Christian. **Sem a palavra, o amor não acontece. Não adianta**. Fausto Mag. Disponível em: <http://faustomag.com/christian-dunker-sem-a-palavra-o-amor-nao-acontece-nao-adianta/>